



EXORTAÇÃO

Trabalho — nossa coroa,  
Consciência — nosso altar,  
Na Terra que voa, voa,  
Sem poupar.

O presente — panorama  
Do Grande e Excelso Porvir;  
Segue a Jesus, ama, ama,  
Sem pedir.

Eis o Evangelho — cartilha  
Do nosso curso escolar.  
Farol de amor, brilha, brilha,  
Sem cessar.

Abismo, lameiro e aclive  
São convites ao dever.  
Quem não luta vive, vive,  
Sem viver...

Alma — luz que nunca morre.  
Ninguém se pode matar.  
Vida é fonte: corre, corre,  
Sem parar.

Quando o coração é cofre  
De esperança e bem-querer,  
O espírito sofre, sofre,  
Sem sofrer...

O cristão marcha em demanda  
Da glória do Eterno Lar.  
27 Serve, ajuda, anda, anda,  
Sem cansar.

Ao Mestre da Vida aprouve  
Rogar-nos a discernir,  
31 O ouvido que ouve, ouve,  
Sem ouvir...

belas em frases tão simples.» (S. Bartolomeu de Messines, Algarve, Portugal, 8 de Março de 1830 — Lisboa, 11 de Janeiro de 1896.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: *Flores do Campo; Ramo de Flores; Folhas Soltas; Cartilha Maternal*, etc.;

b) do poeta desencarnado: *Jardim da Infância*, pelo médium Francisco Cândido Xavier.

27-31-35. Ler com hiato: "Ser/ve, a/ju/da,/ an/da,/an/da"; "O ou/vi/do/ que/ ou/ve,/ ou/ve"; "Do/a a/ to/dos,/ u/sa,/u/sa".

(\*) De origem humilde, João de Deus bacharelou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1859, exercendo brilhantemente o jornalismo e o magistério, sendo considerado um verdadeiro apóstolo da instrução. «E' um lírico inimitável» — dele diz Mendes dos Remédios (*História Lit. Port.*, pág. 586) — «e o mais espontâneo e genial burilador da poesia portuguesa. Nunca ninguém teve a arte de dizer coisas mais

Desterra a intenção escusa  
34 Com os bens da vida vulgar,  
35 Doa a todos, usa, usa,  
Sem guardar.

Deus por Divina Tutela  
E' sol no próprio nadir.  
Caminheiro, vela, vela,  
40 Sem dormir!...

#### CÂNTICO FRATERNO

Canta, irmão, canta o carinho!  
42 Canta o rio em todo canto  
Fazendo o próprio caminho  
Belo e santo.

Dura o bem, dura a alegria,  
46 Dura o amor e a paz perdura.  
Sòmente o mal desce à via  
Da loucura.

Vibra, irmão, vibra em Jesus!  
60 Vibra o Sol, em raios vibra,  
E o dossel de sua luz  
Equilibra.

34. Leia-se numa silaba: *Com os* (Eclipse).

40. Num esquema estrófico peculiar ao poeta, observe-se o magnífico efeito do ricochete no terceiro verso de cada estância, com o quebrado ao fim de cada pensamento expresso, como numa das estrofes de "A Vida" (*apud* M. dos Remédios, *Op. cit.*, pág. 675), que vamos transcrever:

"Que é desses cabelos de ouro  
Do mais subido quilate,  
Desses lábios de escarlate,  
Meu tesouro!"

42. Anáfora: "Canta.../Canta...".

46. Cf. nota anterior. Observe-se, ainda, a beleza desse verso leonino.  
60. Além da anáfora, note-se a epanalepse: "Vibra o Sol, em raios vibra".

Chora a vida rumo à frente.  
64 A evolução chora, chora,  
Pois o pranto é lava ardente  
Que aprimora.

67 Sente, irmão, sente o perfume,  
A brisa chegando à porta;  
Seu passo que aviva o lume  
Reconfonta.

— Onde há paz? Onde há bondade?  
72 Onde há amor e há riso aonde?  
— Onde?! Em ti! És a verdade  
74 Que se esconde...

#### TRÊS ESTRELAS

Três estrelas que o céu guarda e emoldura,  
76 Descem, descem, velozes pelo espaço,  
Seguem reunidas por divino laço,  
Buscando a Terra além, magoada e escura...

64. Além da epanadiplose, observe-se o ricochete. — Epanadiplose: "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no começo de um VERSO e no fim do seguinte,..." (Geir Campos, *Op. cit.*) — Ricochete: "Espécie de ECO repetindo a mesma palavra,..." (Idem, *Ibidem*.)

67. "Sente, irmão, sente o perfume,": Mesarquia — Cf. nota 7, pág. 42.

72. *Onde-aonde*. No *Roteiro Literário do Brasil e de Portugal*, vol. I, pág. 48, nota 5, lê-se: "onde: aonde. Nos melhores autores, antigos ou modernos, não se observa, em geral, a distinção entre *onde* e *aonde* que os gramáticos acham ser de rigor."

74. Atente-se na beleza da repetição intencional dos verbos, nos dois versos iniciais de cada estrofe, em que várias figuras se sucedem harmônica e, como, por exemplo, epanadiplose na 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> estrofes, epanalepse, no 2<sup>o</sup> verso da 3<sup>a</sup> estância. Além disso, observe-se a plasticidade dos versos quebrados que, sobre encantar pelo boleio do ritmo, instruem pela essência doutrinária que o poeta consegue imprimir, com rara felicidade.

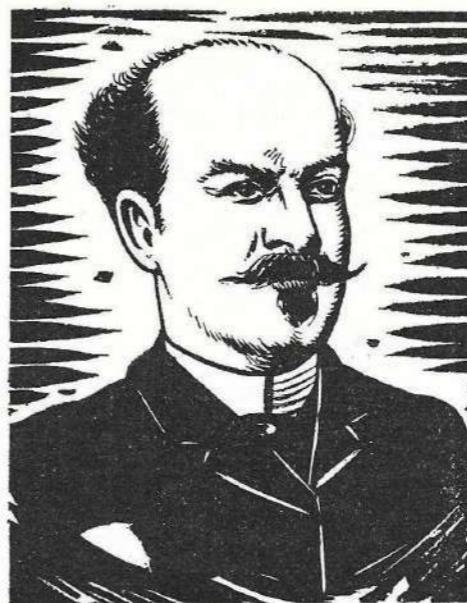
76. A repetição enfática de *descer*, constituindo belíssima epizeuxé, dá ideia da velocidade com que as três estrelas varam o espaço, buscando a Terra, além...

Pousam, enfim, na gleba áspera e dura,  
Luzes varando o serro triste e baço,  
E avançam, refletindo, traço a traço,  
A projeção de sol da imensa altura...

A quem vão socorrer na senda humana?  
84 Sob a pálida luz da lua cheia,  
Para onde marcha a excelsa caravana?

Descem, agora, as três, aquém do monte,  
E abraçam pobre mãe que ora e pranteia,  
88 Em gelado desvão de velha ponte...

LUÍS Caetano Pereira GUIMARÃES JÚNIOR \*



PASTORAL

Acompanho a canção que a vida tece...  
Chovem raios de sol doirando o espaço...  
Verte o rio fugindo, passo a passo,  
Do monte em cujos pés o lírio cresce...

Um trilo doce ecoa igual à prece...  
Dorme a rosa em botão... Canta o sanhaço...  
A flor que não se rende ao vento escasso,  
Calma, espera na leira a farta messe...

---

(\*) Poeta, jornalista, contista, comediógrafo, formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1869, depois de iniciar os estudos na Faculdade de S. Paulo, seguindo a carreira diplomática. Foi adido à legação brasileira no Chile, em Londres e em Roma, além de haver exercido as funções de secretário de legação em Lisboa. Aposentou-se no cargo de ministro plenipotenciário, na Venezuela. Sócio de várias Associações culturais do Brasil e do estrangeiro, foi fundador da cadeira nº 31 na

84. Aliteração em *l*.

88. Sempre preso àqueles assuntos de simplicidade que caracterizaram sua poética, JD, neste soneto, revela-se continuar sendo sempre o João de Deus do *Campo de Flores*, suave, terno, imensamente poeta.